



FOTOS: Shirley Stolze, Camila Souza e Divulgação

O projeto de revitalização da praça Monsenhor Antônio da Rocha Vieira contempla um espaço multiuso esboçado pelas arquitetas Clarissa Morgenroth e Anna Dietzsch, do escritório paulista DBB, parceiros da Cidade Escola Aprendiz

O BAIRRO-ESCOLA SE ESTRUTURA A PARTIR DE QUATRO EIXOS ESTRATÉGICOS:



QUEBRANDO OS MUROS DA ESCOLA

por **CAROLINA COELHO**

Coração da boemia soteropolitana e da festança de lemanjá, o Rio Vermelho abre os braços para receber uma iniciativa comunitária que quer transformar o bairro em uma grande sala de aula. Inspirado na metodologia da Cidade Escola Aprendiz, projeto do bairro Vila Madalena, em São Paulo, o Bairro-Escola quebra os muros da educação tradicional e expande o conceito de aprendizagem para fora dos colégios

Aprender arte nas galerias, física na oficina mecânica, cidadania nas praças, cultura com as baianas de acarajé, biologia na colônia de pescadores e história com os antigos moradores. Os saberes populares das ruas do Rio Vermelho começam a entrar no conteúdo escolar dos colégios públicos do bairro e a envolver estudantes e moradores na busca da expansão do aprendizado. A iniciativa Bairro-Escola Rio Vermelho quer transformar as escolas em um lugar de soluções para fazer da comunidade um espaço mais acolhedor.

Já diz um sábio provérbio africano: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”. Assim, o desafio de desenvolver uma educação que possa lidar com as demandas do século 21 tem feito educadores de todo o mundo buscarem novos caminhos que respondam aos modos de refletir das crianças e adolescentes de hoje.

“Na educação contemporânea, a escola não pode ser o único lócus da aprendizagem, é preciso a interface entre o saber acadêmico e o saber das ruas, ampliar os espaços e os agentes do aprendizado para uma educação mais completa”, diz Anna Penido, jornalista baiana, diretora do Instituto Inspirare e animadora do Bairro-Escola Rio Vermelho.

Por conta disso, o projeto apartidário idealizado pelo Instituto Inspirare, da família baiana Gradin, tomou como referência o conceito da ONG Bairro-Escola Cidade Escola Aprendiz, que, desde 1997, experimenta o modelo de comunidade educativa no bairro de Vila Madalena, em São Paulo. Lá, unidos por uma associação, sociedade civil e escolas conseguiram em poucos anos transformar o antigo bairro conhecido por “risca faca” em um lugar da moda, que hoje abriga uma concentração de ateliês, exposições artísticas e lojas de vanguarda.

A experiência de Vila Madalena se ampliou e virou referência para outros bairros de São Paulo e também de outras cidades, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Boa Vista. Em Salvador, o programa foi adaptado para ser acolhido pelo Rio Vermelho, escolhido por ser um bairro ícone da cidade. Duas instituições referências em ações sociais, a ONG Cipó e o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, foram chamadas para estar à frente da iniciativa e dar as diretrizes do projeto.

A revitalização parte das escolas públicas e das lideranças comunitárias do bairro e tomam como público-alvo os próprios estudantes. Governo, empresas, artistas e movimentos sociais são convidados a participar e, com o apoio, a organização do Bairro-Escola cria estratégias para intervenções urbanas. Os espaços públicos são resignificados e todos os moradores tornam-se agentes do aprendizado e assumem voluntariamente responsabilidades comunitárias.

EDUCADORES E APRENDIZES

A ideia é ver na corresponsabilização um elemento fundamental para uma melhor educação. As escolas públicas, “tão invisíveis aos olhos da sociedade”, lembra Anna Penido, tornam-se elementos essenciais para gerar o sentimento de que a educação é um valor a ser priorizado. Se toda a gente está envolvida, compartilhando o que sabe com os alunos, é mais fácil exercer um monitoramento sobre o que acontece ali e cobrar também das políticas públicas.

Todos encontram uma forma de ensinar e, porque não, aprender. July Holler, do restaurante La Taperia, participou da ação Merenda com o chef, levando a culinária espanhola para os pratos dos adolescentes e ensinando as merendeiras do colégio Euricles de Matos a preparar receitas com um sabor diferente. “Maior do que a própria ação é poder sensibilizar os outros empresários a ajudarem também”, diz ela, que inspirou os fornecedores do Rio Vermelho a doarem os ingredientes para preparar uma paella no encontro seguinte, abstando assim o ônus para a escola.

A colaboradora Angélica Villas-Boas, diretora do instituto de música que carrega seu nome, levou a banda dos seus alunos para fazer uma apresentação para os estudantes durante o evento Bairro-Escola na Praça, que visa resignificar a praça Monsenhor Antônio da Rocha Vieira como um espaço para as atividades mensais entre a comunidade e as escolas. “Hoje vivemos isolados um do outro, então vejo a iniciativa como um potencial enorme para voltarmos a nos integrar”, acredita Angélica.

Entender que a educação vai muito além das salas de aula é saber que ao jogar lixo no chão você estará dando o exemplo para uma criança fazer o mesmo. “A partir do momento que as pessoas entenderem seu papel como eternos educadores e aprendizes, vamos criando essa cultura de aprendizagem que desenvolve o potencial das pessoas e, conseqüentemente, a própria comunidade”, defende Anna. **[B*]**